



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

**ANA CAROLINA DA SILVA CAVALCANTE**

**A REPRESENTAÇÃO DO ESCRAVO NO POEMA DE CASTRO ALVES**

**GUARABIRA  
2019**

ANA CAROLINA DA SILVA CAVALCANTE

**A REPRESENTAÇÃO DO ESCRAVO NO POEMA DE CASTRO ALVES**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Língua Portuguesa.

**Área de concentração:** Literatura Brasileira

**Orientador:** Prof. Me. Cícero Pedroza da Silva.

**GUARABIRA  
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C376r Cavalcante, Ana Carolina da Silva.  
A representação do escravo no poema de Castro Alves  
[manuscrito] / Ana Carolina da Silva Cavalcante. - 2019.  
15 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras  
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Humanidades, 2019.  
"Orientação : Prof. Me. Cícero Pedroza da Silva ,  
Coordenação do Curso de Pedagogia - CH."  
1. Função Social. 2. Escravos. 3. Castro Alves. 4.  
Literatura Brasileira. I. Título  
21. ed. CDD B869.3

ANA CAROLINA DA SILVA CAVALCANTE

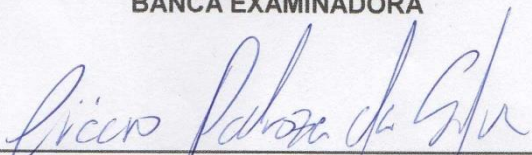
A REPRESENTAÇÃO DO ESCRAVO NO POEMA DE CASTRO ALVES

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Língua Portuguesa.

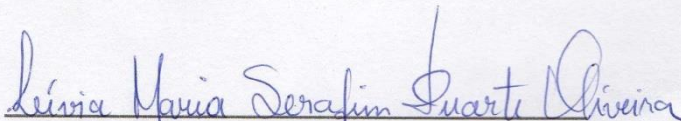
Área de concentração: Literatura Brasileira.

Aprovada em: 01/11/2019


**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Me. Cícero Pedroza da Silva (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.<sup>a</sup>. Me. Livia Maria Serafim Duarte Oliveira  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Francisco das Chagas Galvão de Lima  
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Aos homens e mulheres negr@s, que  
deram seu sangue e suor pela construção  
desse país, DEDICO.

Ninguém ouviu  
Um soluçar de dor  
No canto do Brasil  
Um lamento triste sempre ecoou  
Desde que o índio guerreiro  
Foi pro cativeiro e de lá cantou  
Negro entoou  
Um canto de revolta pelos ares  
Do Quilombo dos Palmares  
Onde se refugiou  
Foi a luta dos Inconfidentes  
Pela quebra das correntes  
Nada adiantou  
E de guerra em paz  
De paz em guerra  
Todo o povo dessa terra  
Quando pode cantar  
Canta de dor  
ô, ô, ô, ô, ô, ô  
ô, ô, ô, ô, ô, ô  
(Canto das Três Raças - Clara Nunes)

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2 CASTRO ALVES: VIDA E CONTEXTO HISTÓRICO .....</b>	<b>10</b>
<b>3 ANÁLISE CRÍTICA DO POEMA “A CANÇÃO DO AFRICANO” .....</b>	<b>11</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>14</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>15</b>

## A REPRESENTAÇÃO DO ESCRAVO NO POEMA DE CASTRO ALVES

### THE SLAVE'S REPRESENTATION IN CASTRO ALVES POEM

Ana Carolina da Silva Cavalcante\*

#### RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de analisar o poema “A canção do africano” (ALVES, 1863), incluído no livro póstumo “Os escravos”, de Castro Alves”, publicado em 1883, após 12 anos de sua morte. O trabalho está pautado em estudos feitos por Bosi (1972), Nabuco (2010) e Silva (2001). A obra “Os Escravos” reúne suas composições antiescravagistas e seus famosos poemas abolicionistas. Busca-se identificar quais funções sociais exercia o escravo, a partir da ótica do autor Castro Alves, importante poeta da Literatura Brasileira. O contexto de produção do autor, durante a segunda metade do século XIX, e a História Nacional Brasileira foram necessários para descrever como Castro Alves traz a representação do negro no poema. A escravidão deixou marcas profundas e abertas na sociedade brasileira, preconceitos e oposições racistas em relação a índios e negros persistem até os dias de hoje, concebidos pelas classes dominantes, que demonstram falta de sensibilidade para com os problemas da maioria da população.

**Palavras-chave:** Literatura Brasileira do século XIX. Função social. Escravos. Castro Alves.

#### ABSTRACT

This article aims to analyze the poem “A canção do africano” (ALVES, 1863), present in the posthumous book “Os escravos”, by Castro Alves”, published in 1883, after 12 years of his death. The present work is based on studies by Bosi (1972), Nabuco (2010) and Silva (2001). The work “Os escravos” brings together his anti-slavery compositions and his famous abolitionist poems. It seeks to identify which social functions the slave performed, from the perspective of the author Castro Alves, an important poet of Brazilian Literature. The author's production context, during the second half of the nineteenth century, and Brazilian National History were necessary to describe how Castro Alves brings the representation of the black in the poem. Slavery has left deep and open marks on Brazilian society, racist prejudice and oppositions towards Indians and blacks persist to this day, conceived by the ruling classes, which show a lack of sensitivity to the problems of the majority of the population.

**Keywords:** Brazilian Literature from 19th Century. Social function. Slaves. Castro Alves.

---

\* Graduanda do Curso de Letras (Língua Portuguesa), da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, [carolcavalcante2009@gmail.com](mailto:carolcavalcante2009@gmail.com).



## 1 INTRODUÇÃO

A construção da percepção histórico do regime Escravocrata no Brasil durou três séculos e meio (1500 - 1888), de acordo com Kok (1997), esse fato comprometeu de modo irremediável a vida de milhões de pessoas. Além de escravos que morriam na labuta diária, os mesmos ainda eram vítimas da violência cotidiana que se misturava na relação senhor – escravo, os demais dificilmente escapavam dos preconceitos e discriminações estabelecidos pelas elites escravistas.

Já com relação a abolição da escravatura que acontecera, no Brasil, em 13 de maio de 1888, a qual podemos considerar uma conquista tardia, resultado esse do conservadorismo das elites brasileiras. Outro fato observado é sobre a aprovação da Lei Áurea, que foi resultado do envolvimento popular com a causa da abolição. No entanto, nas décadas de 1870 e 1880, o movimento abolicionista evoluiu e passou a pressionar o Império para que a escravidão fosse banida de vez do país, gerando assim, o crescimento do movimento abolicionista ocorrido na segunda metade do século XIX.

É possível perceber através de uma quadrinha popular de Belém do Pará, onde expressa o racismo que nasceu da escravidão: “Branco nasceu para o mando, o negro prá trabalhar. Quando o negro não trabalha, do branco deve apanhar”. Sendo assim, a quadrinha popular transmite bem a ideologia que vigora na Colônia, que deita suas raízes no paradigma do cristão-branco, exigido pelos princípios da igreja católica, reinantes na sociedade europeia. Segundo Maria Luiza Tucci Carneiro (2002), ressalta que os argumentos empregados eram de natureza teológica e social. A autora, afirma ainda que esses grupos pertenciam a uma raça impura, cujo sangue se encontrava manchado; daí a raça infecta, que aparece nos documentos coloniais.

Segundo Fernandes (2012), na primeira metade do século XIX, em 1822, o Brasil conquista a sua independência, rompendo as alianças coloniais com a metrópole portuguesa. Através desse momento que foi decisivo na história do Brasil, surge uma nação nos moldes ocidentais, ou seja, uma monarquia constitucional de base liberal, com isso, D. Pedro I é aclamado como imperador. Porém o modelo econômico da nova nação americana manteve-se inalterado: produção agrária, monocultor, exportador e escravista.

Em 1880, o Brasil encontrava-se na lista de países que mantinham a instituição da escravidão. E desde o Brasil Império era possível observar manifestações que demonstravam o descontentamento e a oposição à condição do escravismo, a exemplo do baiano Castro Alves, que alcançou importância nacional através dos seus versos que denunciava a escravidão e a injustiça e com isso adquirindo caráter social e humanitário.

Castro Alves enquanto “poeta dos escravos”, não deixou de contemplar em seus versos o sofrimento das figuras negras e infantis. Nesta pesquisa, estabeleceu-se a figura do escravo, que durante o período de escravidão no Brasil esteve incluída no quadro produtivo de trabalho obrigatório, assim como o homem, com o diferencial de ser a maior responsável da reprodução de novas gerações, todavia, teve sua representação negada na maior parte da história brasileira da escravidão.

A realização desta pesquisa, se deu a partir da leitura da obra póstuma designada “Os Escravos”, de Castro Alves (1847 - 1871), que foi publicada em 1883, fato esse que só aconteceu doze anos após sua morte, nos levando a optar pela análise do poema “A Canção do Africano”, o qual foi abordado porque revela características do cotidiano dos escravos, que foram representados sob a ótica de Castro Alves durante a segunda metade do século XIX.

Assim, o objetivo desse artigo é analisar o papel social presente no poema escolhido e o específico é entender como Castro Alves compreendia a função do negro na sociedade de seu tempo. Salientamos ainda a relevância deste artigo, destacando a Lei 10.639 (BRASIL, 2003), de 2003, incluída no currículo oficial da Rede de Ensino Brasileiro a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira, a ser transmitido, de modo especial, nas áreas de Educação Artística e de Literatura Brasileira e História Nacional, com base nos registros bibliográficos, tanto de fontes como de autores da contemporaneidade.

Para realização deste artigo foi preciso conhecer a vida, as circunstâncias de produção e o momento histórico em que viveu esse autor. Para essa pesquisa, utilizamos a obra “História Concisa da Literatura Brasileira”, de Alfredo Bosi (1972), que ressalta sobre a historiografia literária brasileira, onde foi possível contextualizar o poeta Castro Alves no Período histórico, assim como identificá-lo na corrente estilística a que pertenceu. Para elencar a produção bibliográfica e o perfil temático do poema de Castro Alves, foi utilizado o livro “Castro Alves”, de Francisco Pereira da Silva (2001). Outra fonte igualmente importante foi o livro “A Escravidão”, de

Joaquim Nabuco (2010), em que o autor aborda o escravo no aspecto histórico, demográfico, jurídico e social, destacando a figura da mãe, do feto e do jovem.

## 2 CASTRO ALVES: VIDA E CONTEXTO HISTÓRICO

Conforme Cereja e Magalhães (2013), Antônio Frederico de Castro Alves (1847 - 1871), o “poeta dos escravos”, é tido como a principal expressão condoreira da poesia brasileira. Nasceu em Currupano/BA e estudou Direito em Recife e em São Paulo. Sua obra simboliza, na evolução da poesia romântica brasileira, representando um momento de maturidade e de transição. Maturidade no que diz a certas atitudes ingênuas das gerações anteriores, podemos citar como exemplo a idealização amorosa e o nacionalismo ufanista, as quais foram substituídas por posturas mais críticas e realistas; transição porque a perspectiva mais objetiva e crítica com que via a realidade apontava para o movimento literário subsequente, o Realismo, que, aliás, predominava na Europa.

Esses autores ainda afirmam que, Castro Alves semeou a poesia lírica e social, das quais podemos mencionar as obras “Espumas Flutuantes” (1870), único livro publicado em vida pelo poeta, e “A Cachoeira de Paulo Afonso” (1876); a poesia épica, em “Os Escravos” (1883); e o Teatro, em “Gonzaga e a Revolução de Minas” (1875).

Podemos observar também que, a terceira geração da poesia romântica brasileira é composta por poetas ligados à corrente **condoreira** ou **hugoana**, forma como é chamada por influência do escritor francês Victor Hugo. Fizeram parte desse grupo vários escritores, entre os quais Castro Alves, Pedro Luís, Pedro Calasans e, até certo ponto, Sousândrade.

Já no Romantismo europeu, os condoreiros se preocuparam de modo especial com a causa dos oprimidos, entre eles os operários da indústria e os camponeses. Sendo assim, a obra “Os Miseráveis”, de Victor Hugo, é considerada como um dos melhores exemplos da literatura condoreira da época. Podemos ressaltar ainda que no Brasil, como a força de trabalho era predominantemente escrava, o Condoreirismo assumiu feições abolicionistas e republicanas.

### 3 ANÁLISE CRÍTICA DO POEMA “A CANÇÃO DO AFRICANO”

De acordo com Kok (1997), a violência que se instalou na rede das relações sociais no período escravista quase não deixou espaço para o escravo enxergar outra condição de existência, geralmente, o destino dos cativos era a morte no cativeiro, causada pela fome, pelos maus-tratos, pelas doenças epidêmicas, pela exploração, pela desumanização, pela pobreza e pela coisificação do negro (transformado em objeto). Veremos a seguir na análise apresentada os conflitos culturais distintos, gerados no centro de uma sociedade escravista no Brasil colonial.

#### A CANÇÃO DO AFRICANO

Lá NA úmida senzala,  
Sentado na estreita sala,  
Junto ao braseiro, no chão,  
Entoa o escravo o seu canto,  
E ao cantar correm-lhe em pranto  
Saudades do seu torrão...

De um lado, uma negra escrava  
Os olhos no filho crava,  
Que tem no colo a embalar...  
E à meia voz lá responde  
Ao canto, e o filhinho esconde,  
Talvez p'ra não o escutar!

“Minha terra é lá bem longe,  
Das bandas de onde o sol vem;  
Esta terra é mais bonita,  
Mas à outra eu quero bem!

“O sol traz lá tudo em fogo,  
Faz em brasa toda a areia;  
Ninguém sabe como é belo  
Ver de tarde a *papa-ceia!*

“Aqueles terras tão grandes,  
Tão compridas como o mar,  
Com suas poucas palmeiras  
Dão vontade de pensar...

“Lá todos vivem felizes,  
Todos dançam no terreiro;  
A gente lá não se vende  
Como aqui, só por dinheiro”.

O escravo calou a fala,  
Porque na úmida sala  
O fogo estava a apagar;  
E a escrava acabou seu canto,

P'ra não acordar com o pranto  
O seu filhinho a sonhar!

O escravo então foi deitar-se,  
Pois tinha de levantar-se  
Bem antes do sol nascer,  
E se tardasse, coitado,  
Teria de ser surrado,  
Pois bastava escravo ser.

E a cativa desgraçada  
Deita seu filho, calada,  
E põe-se triste a beijá-lo,  
Talvez temendo que o dono  
Não viesse, em meio do sono,  
De seus braços arrancá-lo!  
(ALVES, 1863).

Faremos uma análise do poema “A canção do Africano” presente no livro póstumo “Os escravos de Castro Alves”, o qual foi escrito no Recife, em 1863, (ALVES, 1972, p. 50-52), mostra a vida em uma senzala pequena e úmida, onde os escravos cantam e choram pela lembrança de sua terra natal. O poema está dividido em duas partes: a primeira parte, os escravos estão acordados na senzala durante a noite; e na segunda, é a hora de ir dormir.

A escrava canta e olha cuidadosamente para seu filho, se responsabilizando pela realização de uma marca fundamental dentro da cultura negra: transmitir a oralidade. Uma tradição que fluía de uma geração para a outra. Alegrementemente, a escrava ensinava sobre os costumes de seu povo, suas crenças e origens, através de mitos, toadas e cânticos. O cantar da mãe, “[...] e o filhinho esconde, talvez p'ra não o escutar!”, sobre as lembranças de sua terra, de seus ancestrais e como eles viviam no passado, recorda-se de um tempo em que se tinha liberdade, agora quase utópico, pois, na realidade em que vivia aquela criança, dificilmente ele retornaria à terra de seus pais, ou até mesmo conseguiria a sua alforria. De acordo com Silva (2001):

Ainda era a realidade que o cercava, o drama cotidiano: o escravo a trabalhar para o senhor, como um animal de tração, até a morte. E nem direito aos filhos. As “crias” eram também produzidas para a fazenda do senhor (SILVA, 2001, p. 90).

No respectivo poema, há uma imaginação da vida na África, lá todos eram felizes e, na lembrança, a escrava canta: “Aquelas terras tão grandes,/ Tão compridas como o mar”, bem diferente da realidade em que eles viviam no momento, pois dormiam na senzala amontoados com outros escravos. Todas as nações africanas escravizadas foram reduzidas a funções e serventias brasileiras.

Ao analisarmos esse poema, vimos também que a escrava, ao cantar para seu filho, frisa outras manifestações culturais africanas: “Lá todos vivem felizes,/ todos dançam no terreiro”, isso se relaciona com a religiosidade à expressão corporal e à felicidade do povo, ao contrário de como afirmou Nabuco (2010) sobre este assunto. Para esse autor “é um misto de superstições a religião dos negros” (NABUCO, 2010, p. 18). Tendo em vista que o fetichismo africano foi mesclado com o catolicismo e toda a base moral africana é apoiada no medo. Nabuco não era a favor do comércio da carne humana, embora revele em discurso o preconceito típico de seu período com a religião negra em frases como:

Muitos senhores de escravos me contaram a maneira como suas escravas mataram o feto no ventre e iam enterrá-lo nas matas distantes. Isso tudo é a ausência do sentimento religioso [...] (NABUCO, 2010, p. 21).

com seu canto, a negra também mostra a realidade socioeconômica e cultural do Brasil Império: “A gente lá não se vende/ como aqui, só por dinheiro”, embora, seus senhores são movidos pela ganância, desumanizando os negros, modificando-os em mero instrumento de produção através de sua força de trabalho.

Outro fato observado é que na senzala, o negro se cala e a escrava cala o seu pranto para que o seu filhinho não acorde, deixando-o sonhar. Nesse intuito, a mãe tenta proteger e eufemizar a cruel realidade que os cercava, e eram assim, castigadas pela escravidão, porque possuíam o estigma de sua cor.

Nesse trecho, foi possível perceber que o escravo foi se deitar, pois no dia seguinte precisava levantar antes do sol nascer, caso contrário, “Teria de ser surrado, / Pois bastava escravo ser”. Eram regras e precisavam ser cumpridas com precisão e essas regras se ampliavam para todos que dormiam na senzala, e, qualquer sinal de falha, seriam torturados. E da mesma forma que os homens e os animais eram queimados a ferro para indicar seu dono, as escravas também passavam por esse mesmo procedimento.

A escrava tinha sua juventude marcada ao iniciar no trabalho pesado. Sobre esse fato, Nabuco como testemunha ocular, descreve o seguinte: “A escrava, essa de quinze a dezesseis anos, às vezes, nos limites da impuberdade, é entregue, já violada, às senzalas” (NABUCO, 2010, p. 37).

A mulher escrava era considerada, um ser que já nascia sem honra e vivia exposta à violência, sem nenhuma proteção jurídica ou familiar. Tornando-se assim de uso público, tendo seus casamentos arranjados e desfeitos por seus donos. Aos vinte anos, já estariam com suas aparências acabadas consequência do trabalho abrasivo, dos açoites, das doenças que ficavam sem tratamento, da má alimentação e dos sofrimentos causados pela reprodução, como afirma Nabuco: “Nada denota nela mais o caráter da mulher, que o do homem” (NABUCO, 2010, p. 37).

Dentro da senzala: “E a cativa desgraçada/ Deita seu filho, calada,/ E põe-se a beijá-lo, [...]”, aqui ela temia que seu senhor vendesse o seu filho, pois os negros eram propriedade de branco, e eram preparados a adquiri-los por compra, troca, doação ou herança, constituindo-se o direito alienável garantido pela lei.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A linguagem de Castro Alves em sua poesia abolicionista engajadora denunciava todo o sofrimento dos escravos e seus castigos sofridos, apontava o escapismo para o passado livre na África e sua construção heroica do personagem africano. Sua poesia é marcada pela luta abolicionista, sinal de que a denúncia que fazia não caberia em palavras comuns, inserindo-se dentro de seu ideal democrático, que traria a igualdade entre os homens através da República. A queda da Monarquia moveria consigo suas instituições, uma delas a escravidão. Ainda que os textos de Joaquim Nabuco mostrem ideias ultrapassadas e ideologias que pertenciam aos grupos dominantes, dessa forma podemos entender que, mesmo entre homens de seu período e influenciados por forças maiores, havia um ideal inovador de tentar eliminar com a escravidão através do comprometimento e da denúncia da realidade.

É importante ressaltar que a condição da mulher negra, de escrava, desempenhava as mesmas atividades do homem negro escravo, não tinha diferença e a mesma também estava suscetível a ser vendida, comprada ou alugada para praticar diversas funções. De modo que, as escravas se diferenciavam apenas pelo

papel que assumiam que era o de reprodução, as quais geravam lucros aos seus senhores e davam continuidade às gerações escravas. No entanto, não recebiam um tratamento diferenciado.

É interessante destacar também, que o maior mérito social de Castro Alves nesse poema sobre a escravidão foi divulgar, através do ser negro, o humano que a sociedade escravocrata queria eliminar. Dessa forma, a ideologia não poderia demonstrar de modo menos atraente e alegre as cenas comoventes e até macabras da realidade escravista, e Castro Alves ainda menos, pois, de todos os escritores dessa época, foi o que abordou com mais clareza, vigor e dedicação as condições escravistas.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Castro. **Os Escravos**. São Paulo: Martins, 1972.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1972.

BRASIL. Casa Civil. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Brasília, 2003.  
Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm)>.  
Acesso em: 10 set. 2019.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **O racismo na história do Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 2002.

CEREJA, William Roberto. MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português: Linguagens**. 9. ed. São Paulo: Saraiva, 2013. (Volume 2).

FERNANDES, Maria Fernanda Machado. **As Representações da Escrava nos Poemas de Castro Alves** no Livro “Os Escravos” durante a segunda metade do século XIX. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2012.

KOK, Glória Porto. **A escravidão no Brasil colonial**. São Paulo: Editora Saraiva, 1997.

NABUCO, Joaquim. **A Escravidão**. Rio de Janeiro: Batel, 2010.

SILVA, Francisco Pereira da. **Castro Alves**. São Paulo, SP: Três, 2001.